

homem de papel

joão almino

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

Agradeço aos amigos Jorge Schwartz e Maria Dulce Silva Barros por seus comentários inteligentes a uma versão anterior deste romance. A minha mulher, Bia Wouk, um agradecimento todo especial pelas sugestões fundamentais.

Para Letícia e Elisa Wouk Almino.

“A morte é uma hipótese, redarguiu Aires, talvez uma lenda.”

Machado de Assis, *Esau e Jacó*

“O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio.”

Machado de Assis, *Esau e Jacó*

“[...] não odeio nada nem ninguém, — *perdono a tutti*, como na ópera.”

Machado de Assis, *Memorial de Aires*

“Certamente ainda me lembram coisas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou, aqui vivo, aqui morrerei.”

Machado de Assis, *Memorial de Aires*

Sumário

1. O pecado pouco original e a dor do joelho	15
2. Mordido por Fidélia	21
3. Ansiei por ser emprestado, alugado ou vendido	29
4. A primeira carona	35
5. Fui substituído por um gato e um cachorro	39
6. Não há como um grande segredo para ser divulgado depressa	45
7. Não tente imitar o conselheiro	53
8. Dona Cesária e um ponto de interrogação	59
9. O juiz de paz foi o cão	67
10. Meus olhos deveriam entrar em dieta absoluta	71
11. Com qual dos dois?	79
12. Um piolho de Sultão foi esmagado	87
13. Em que aparecem os dentes afiados de uma senhora	93
14. Estou por acaso alucinando?	99

15. Hotel Nacional	105
16. Nada mais material do que dinheiro	111
17. A Floresta dos Sussurros	119
18. O martírio das visitas	127
19. O diplomata vidente	133
20. Nem toda ideia vitoriosa é certa	141
21. Amizade a distância	147
22. Senti suas patas sobre minha cabeça	151
23. A caneta de JK	157
24. Prefiro as calças tiradas a burros	163
25. Por que falar da febre do amor?	169
26. Relatório secreto	175
27. A estupidez é apressada	181
28. Deus não pagava por tão pouco	187
29. A olho nu, uma constelação	195
30. Orelha em pé	203
31. Tudo é carnaval	209
32. Sugeri um salmão	215
33. O sacana me viu nua	221
34. As caras feias ficaram mais feias	227

35. Quem se mete no meio recebe os disparos	235
36. Se tivesse que fazer algum reparo, seria o de defender a Lua	243
37. Firme mesmo era o patamar da janela	251
38. Meu reino por um charuto	259
39. O animal quase pisou no meu pé	267
40. A Escola da Anta	275
41. A produção de merda	281
42. Não vá comparar com as baratas	285
43. A morte é uma hipótese	291
44. O futuro é improvável	297
45. Um irreal perfeito	305
46. Havia me cansado de viver de ficção	311
47. A realidade era um lugar desagradável	317
48. Pouco adiantava falar de meu paletó surrado	323
49. Talvez eu conseguisse ser general	331
50. Difícil provar sem o cadáver	339
51. Recusaria as algemas, mesmo se lindas	343
52. Já fui capaz de atravessar paredes	349
53. Sonhei com jacaré	355

54. A crueldade é tipicamente humana	361
55. Quem são as antas?	367
56. Ao vírus do amor ninguém é imune	375
57. O princípio do excepcionalismo	381
58. É o que o povo quer	387
59. O brilho da televisão ofuscou meus pensamentos	393
60. Não ia lhes contar	397
61. Parti sem ruído	403
Posfácio, por Abel Barros Baptista	411

O pecado pouco original e a dor do joelho

Flor me colocava numa estante baixa entre uma cômoda de três gavetas e uma escrivaninha coberta de papéis desarrumados. Não quero valorizar essas minúcias, que não deveriam me ocupar quando me concentro na história principal. Se é que lhes conto uma história.

Se ela tem enredo, eu deveria lhes falar sobre um rapaz alto, elegante, que Flor encontrou quando decidiu fazer o concurso para diplomacia. Era primeiro-secretário e se chamava Zenir Ussier, de apelido Zeus.

Numa troca de olhares Flor e Zeus pensaram saber tudo um do outro, defeito dos apressados. Recitavam minhas frases de cor. Assim, dos livros à cama foram poucos passos.

Vamos aos passos. Zeus a convidou para uma festa. Se não reproduzo o diálogo é porque nada há de original nos prolegômenos do sexo. Muitos anos depois, ela tentou transcrever a longa conversa para um conto nunca publicado. Preservou do original uma troca de impres-

sões sobre mim e sobre a carreira que abraçaria. Editou o texto, preencheu lacunas e criou uma linearidade que não aconteceu, pois houve momentos de hesitação, de silêncio e palavras se superpondo.

Num sábado nublado, Zeus trouxe ao apartamento de Flor, no bloco C da 307 Sul, as edições que tinha de minhas memórias e as apostilas de matérias do concurso para o qual Flor se preparava.

Não sobrou nada da aspirante à diplomacia, porque ele a devorou com os olhos. Examinava-a de alto a baixo enquanto ela examinava as apostilas.

Foi brutalmente jogada contra a estante, que começou a tremer. Embora eu quisesse reagir com naturalidade, caí fechado. Nada vi. Ouvi suspiros prolongados e gritos respondidos por outros mais altos. O prazer seria maior se rompesse a barreira da decência. Não vinha sem risco, mas que risco seria esse? Não era como ir à guerra, sobreviver na selva ou sequer enfrentar um posto de sacrifício.

O sexo foi violento e consensual.

Fechado estava e assim fiquei, no chão, calado. Não por pudor. Não podia falar.

“Jura que você era virgem?”

Não juro que a pergunta fosse feita diante do sangue no lençol, porque não vi, mas não era expressão de dúvida nem de inquietação.

Vocês poderão pensar que não caberia a mim, velho conselheiro, me imiscuir na vida privada de quem quer que fosse e menos ainda torná-la pública. Não faria isso se esse encontro não tivesse tido consequências que até

hoje, quando Flor vive num país distante, se comentam nos corredores da chancelaria.

Não devo me adiantar. Como passar disso àquilo? Da dor da perda da virgindade à alegria de ser bem classificada num concurso difícil?

É questão de fechar os olhos e mudar de assunto. Já usei antes esse truque? Não posso me limitar por temas nem por encadeamentos da história, se na vida as coisas não se sucedem de maneira linear; se é feita de prazeres fugazes e longos sofrimentos, de planos e surpresas. Quanto mais num relato de memórias ou o que mais vocês queiram chamar o que lhes conto; relato no qual a memória é permeada de alheamentos provocados por páginas fechadas.

Apresso-me em fazer uma digressão. No Rio, com a idade, todos os meus ossos doíam. Reumatismo, que eu sentia sobretudo num joelho. Ah, a velhice... Ainda assim, tão logo melhor, eu caminhava da praia de Botafogo à do Russel.

Pois bem, um alívio. Em Brasília o reumatismo acabou. Não pela cidade nem por milagre; porque passei a ter papel no lugar dos ossos.

O joelho de Flor tampouco doía e, se alguma vez doeu, foi aliviado pelo namorado, Cássio, bom de cama e cozinha.

“O que o senhor me aconselharia, o senhor que é conselheiro, hein, conselheiro Aires?”

Flor acendeu um cigarro com isqueiro de ouro, presente de Zeus, reclinada sobre a janela que dava para a parte interna da quadra, onde crianças brincavam.

Cheguei a pensar que os telefonemas e as flores de Zeus, que acabava de ser removido para um posto na Europa e me parecia o mais enamorado, fossem suficientes para a decisão. Sem querer, eu continuava a aproximá-los. Mas nela as ideias e o desejo raramente coincidiam. Ela recusava com indignação suas investidas e acabava se rendendo a seus carinhos. Num pulo passava do gozo ao arrependimento. Não era racional um sentimento dúbio, volátil, ela sabia. Mas aquela não era matéria a ser submetida à razão.

“O senhor vai me acompanhar pelo resto da vida”, Flor me disse. “Confio no senhor.”

Tive que aceitar. Ela fazia o que queria comigo, o que não era muito. Tudo se limitava a palavras.

“O que o senhor me aconselharia, conselheiro?”

Se eu pudesse falar, diria ser retrógrado mulheres sofrerem pelo marido e considerarem a dor coisa divina. Seria injúria insinuar que a carreira que ela abraçaria era a do casamento, o que ocorreria se seu namorado Cássio não abandonasse a profissão para segui-la.

Meu julgamento estava defasado. Recém-formado em engenharia e sem trabalho, Cássio estava disposto a não trabalhar. Contentava-se em ser marido. Faria o mercado e se ocuparia da casa e da comida.

Seria paixão o que ela sentia por Zeus? Era outra coisa. Relação intensa, de altos e baixos. Coincidiam no interesse por mim. Ela admirava seu gosto por cinema e fotografia.

Hesitou em aceitar sua proposta de um ensaio fotográfico. Fotos em preto e branco, disparadas da forma

mais tradicional, com uma Leica, e reveladas no laboratório caseiro que ele compartilhava com um amigo. Serviram para melhorar a autoestima de Flor. Seu corpo resultou em beleza para ela inesperada. Incomodou-se com algumas fotos, que quis destruir, ela numa rede em nu frontal, ela de costas na cama...

Havia encontrado homens atraentes, sensíveis, inteligentes, mas nenhum em quem vislumbrasse um companheiro para toda a vida. Existiria esse homem? Carinhoso? Compreensivo? Bonito? Cássio não era tudo isso? Não era quem lhe propunha casamento? Apareceria alguém melhor? Que qualidades excepcionais seu homem ideal deveria ter? Chegava a pensar que para a carreira talvez fosse melhor ficar solteira. Ela não tinha vocação para casamento.

“Por que se casar, conselheiro?”

Leu em mim orgulho e honra. Traduziu minhas atitudes de moderação e sensatez em possibilidade de se casar com Cássio. Poderia conviver com ele. O homem ideal não existia. A decisão era apenas entre se casar e não se casar.

Talvez vocês tivessem discordado. Tivessem querendo aconselhá-la a adiar o casamento, a se casar com um terceiro ou a não se casar. O casamento foi na Igreja Nossa Senhora de Fátima, coberta de azulejos de Athos Bulcão e conhecida como Igrejinha. O padre, de tão contente, aparentava ser o próprio noivo. O noivo, ele, vestia-se de solenidade e timidez que se confundiam com respeito e admiração pela noiva. Imagino, e não posso jurar, que contribuiu para a decisão de Flor, que,

mais do que ser compreensivo e amoroso, Cássio era um homenzarrão de corpo atlético, exibido em raro momento num terno cinza impecável e de listras verticais.

A noiva havia tido na adolescência tendência a engordar, mas quando a conheci já era apenas gorda de ideias. Não trazia um vestido de noiva tradicional. De cor menta, descia ao meio das pernas e deixava nus os belos ombros. Vocês poderiam imaginá-la uma figura sonhadora, pálida, de rosto bem desenhado, um desses personagens românticos do século XIX. Não, e não apenas porque havia aplicado um rosado leve nas bochechas. A imperfeição de seus traços revelava a fortaleza de sua personalidade. A doçura que transparecia na boca pequena e bem desenhada pelo batom contrastava com o nariz aquilino e a curiosidade, firmeza e brilho dos olhos grandes. Seus dentes muito brancos eram bem alinhados. E, se eu não a conhecesse de perto, juraria que havia feito balé, tal a pose ereta e a leveza ao caminhar, cheia de graça.

Eu já disse a vocês que não falava, mas me esqueci de acrescentar que sentia odores. Nas primeiras noites após o casamento, de sêmen. Flor tinha 23 anos, Cássio 22, e daí a seis meses nasceu Daniel, que não foi prematuro.

Mordido por Fidélia

A qualquer custo ou ao custo de se inebriar com minhas memórias, Flor queria seguir meus passos ultrapassados. Eu era o que ela não era e queria ser.

Na primeira vez em que me levou ao ministério, presenciei uma discussão sua com um funcionário da administração, então segundo-secretário. Polida, meticulosa e exigente, ela sempre tinha um jeito doce, porém firme, de falar. Reclamava da sujeira dos banheiros, do defeito do ar-condicionado e do número de computadores.

“Se não, me mande um calígrafo. Vamos passar a fazer belos ofícios como antigamente.”

O secretário, de cabeça oval, rosto nobre e inexpressivo, mal disfarçou sua irritação. Deixou de atender a seus telefonemas. Ela empregou sua característica habilidade para pôr suas queixas num memorando que, com um “salvo melhor juízo” e outras fórmulas da linguagem diplomática, convenceu o chefe de seu desa-

feto. A vitória era dos insistentes e, como chegarei a contar, traria seu estrago.

Flor era meticulosa também na organização dos papéis e na correção de seus despachos. Angustiava-se quando seus chefes adiavam decisões. Um deles, a título pedagógico, lhe mostrou o armário onde guardava as pilhas de papel que invadiam sua mesa. Do lado esquerdo, STR, Só o Tempo Resolve. Do lado direito, NTR, Nem o Tempo Resolve. Havia também um cemitério de papéis para informações inúteis.

Não fui diferente. Resolvia tudo nos prazos. A vantagem era que as notícias, quando chegavam, chegavam tarde. Se cometi erros por distração, tratei de corrigi-los, como quando comemorei num dia 3 o aniversário do ministério Ferraz, inaugurado num dia 10.

Além de por vezes me levar ao ministério, Flor me fez acompanhá-la em viagens a serviço. Assim, eu compensava as que perdi na ativa. Queria ter integrado as missões do imperador à Europa, aos Estados Unidos e ao Oriente Médio. Não sei se o que me faltou foi merecimento ou insistência.

Num dia 16 de outubro caminhei ao lado de Flor por um trecho da orla do lago Paranoá há pouco recuperado. O vento me trazia a recordação do mar do Flamengo. Aqui também havia ondas que iam e vinham, muito menores, concordo com vocês.

Era, eu dizia, 16 de outubro, e eu fazia anos no dia seguinte. Perdi a conta do número de anos, não sei se

disse que nasci em 1825. Vejamos, eu tinha 62 em... Deixemos de lado.

“Conselheiro, vou levar o senhor pra passear e ver ópera. Numa cidade que já foi do senhor, Viena.”

Zeus lhe havia pedido que passasse por Paris, onde servia.

“Não posso ficar só na companhia daquelas fotos que fiz de você.”

Que viesse a Viena, Flor retrucou. Na volta, ela o acompanharia. Tomaria o voo para o Rio a partir de Paris.

Notei o cuidado com que Flor fez as malas, separando como nunca as maquiagens, escolhendo peça por peça de roupa, combinando cores e olhando-se no espelho.

Não encontramos Metternich. Não fomos a nenhum Congresso de Viena nem à ópera. Somente ouvi Mozart pelo rádio do quarto de hotel. Não valeria a pena narrar encontros na Academia Diplomática, eu dentro de uma pasta. Então passemos diretamente ao Zentralfriedhof, o cemitério Central de Viena, aonde Flor me levou.

Minha mulher estava noutra cemitério, o Sankt Marxer Friedhof, o cemitério de São Marcos, que Flor me disse ser agora um jardim tombado onde seria possível visitar a sepultura de Mozart. Não sei se cheguei a comentar, morei com minha mulher em Viena como adido de legação na década de 1850.

No cemitério Central, Flor procurava a tumba de Beethoven, cujos restos, antes próximos aos de minha mulher no São Marcos, haviam sido transferidos para ali.

Desde o casamento de Flor, eu me sentia mais solteiro do que nunca. Melhor dizendo, com vontade de me casar. Ainda não está certo. Devo ser preciso: quem não havia encontrado em Brasília era uma mulher que me lembrasse Fidélia.

Não sei se vocês ouviram falar em Fidélia, a viúva Noronha. Fui com Flor ao cemitério da Esperança, em Brasília, na falta do São João Batista onde primeiro a tinha visto, num dia 10 de janeiro de 1888. Ali encontrei igualmente miosótis e perpétuas, sobre campas mais simples do que as que eu havia conhecido no passado. Olhei em todas as direções. Não enxerguei ninguém que pudesse de longe ou de perto lembrar a viúva.

Dividido entre o livro onde me encontrava e o mundo exterior, de Fidélia haviam sobrado para mim Beethoven e Fidélio, que eu ainda escutava. Só na memória. Quem sabe pudesse um dia Fidélia me reaparecer antes de se casar.

Em Viena ainda me perseguia o verso de Shelley que no passado me tinha deixado paralisado: "I can give not what men call love." Era inegável que eu havia estado mordido por Fidélia. Poderia a viúva ainda se casar comigo? A questão não era despropositada. Se eu tinha podido sobreviver, a viúva também.

Tinha com ela uma história, para mim, longa. Para ela, talvez inexistente. Era bela, gentilíssima, como ouvi dizer de outras em Roma, uma das cidades onde morei. Já a chamei de saborosa. Hoje não faria o mesmo. Não

por ter perdido o paladar. Apenas para não ser acusado de usar palavra inapropriada ou de coisa pior, nem ter de me desculpar por vir de outro século.

Por Fidélia pensei em me congelar para evitar a mudança de 1889. Ficaria parado para sempre numa esquina a vê-la caminhar, falar com o cocheiro, mostrar uns poucos centímetros do tornozelo ao subir ao carro e partir em direção a Botafogo.

A mudança de 1889 de que falo não é a de 15 de novembro, que trocou a Monarquia pela República. É a de 2 de janeiro, quando tive a certeza de que havia perdido Fidélia para um outro.

Em vez de ficar no Rio de Janeiro a observar as marinhas que ela pintava, pondo cor e movimento na água, eu ficava em Brasília, em cima da escrivania, onde os primeiros rabiscos de um livro de poemas de Flor me fizeram companhia. Ela quis que eu lhe soprasse inspiração. A pouca que tive guardava ranços parnasianos que presumo tenham contaminado seus versos livres.

Se os versos não lhe servissem, havia a música, e nisso Flor evocava Fidélia. Nesse campo se identificava comigo. Não sou compositor nem toco piano. Mas a música me acompanhava na rua ou na estante. Repetia-se, contumaz, nos meus ouvidos. De Schubert, Offenbach, Schumann, Mozart, Beethoven... Sem falar que *Tristão e Isolda*, além de *Ernani*, sempre me perseguiram.

Quem sabe tenha sido erro não ter trocado a diplomacia pela música? Só gostaria que ela não me entrasse

pela janela vinda de um bar da entrequadra. Como podia imaginar que quase me furasse os tímpanos, já tão frágeis por serem de papel? Se ainda fosse polca... Fiquei chocado. Então me reconciliei com meu passado, com Fidélia no seu piano e até com meus péssimos exercícios ao violino. Se eu soubesse tocar bem... Preferia a música à leitura, que me estragava a vista.

Agora em Viena, uma senhora de preto, diante de flores violeta e amarelas que margeavam a frente do túmulo de Beethoven, contemplava o monumento triangular, um pequeno obelisco, por assim dizer.

Primeiro a vi de costas. Usava não um vestido armado como os que eu estava habituado a ver nos meus velhos tempos, mas uma calça comprida ajustada ao corpo. Era como se visse Fidélia, a viúva Noronha, de preto e diante do túmulo do marido no cemitério São João Batista. Só não digo que aconteceu do mesmo jeito para não dar a impressão de que o presente copia o passado e de que eu não podia ter uma vida nova. A vida a gente constrói.

Se não ponho as cores nem os humores é porque pouco acrescentariam à narração. Embora a repetição estivesse na minha memória, havia diferenças, claro, e são elas que eliminam o plágio.

Chovia em Viena, não aquelas chuvas torrenciais de janeiro e do Rio de Janeiro. Chuva fina, que desenhava uma cortina aveludada e um perfil impressionista na mulher de preto. Quando ela se virou e mostrou seu rosto, era para mim a própria viúva que eu

havia conhecido no século XIX. Equilibrava nas mãos um buquê de flores e um guarda-chuva. As rugas na testa, os seios não tão rijos, a mecha branca e artificial nos cabelos curtos, tudo isso indicava que tinha muito mais de metade dos meus anos conservados em minhas memórias.

Ansiei por ser emprestado, alugado ou vendido

Eu não sabia se as flores eram para Beethoven ou para o túmulo do marido. Pensei em ler a resposta nas suas feições, quando começou a caminhar com a mesma graça vagarosa de Fidélia. Outras pessoas passaram na frente de Flor. Quando tentamos nos aproximar, já não encontrei a mulher de preto e então desconfiei que minha impressão havia sido apenas produto de um desejo de encontrar a saudosa viúva. E se ela fosse a própria? Claro que não, a prova era a calça comprida.

Deu-me vontade de regressar a meu passado. Era o dia 9 de janeiro de 1887 quando voltei definitivamente da Europa, aposentado. Um ano depois vi no cemitério a viúva. Eu tinha 62 anos e ela usava um vestido preto. Vim a associá-la a Beethoven, ou melhor, a *Fidélío*, não só porque seu nome era Fidélia, mas também porque era fiel a seu marido morto, assim como veio a ser a seu marido vivo.

Voltamos, Flor e eu, ao hotel, eu fixado na visão da mulher de preto. Não podia ter sido miragem. Pensava so-

bretudo que, tal como eu, Fidélia, personagem de um livro, poderia me ser trazida por uma leitora ou leitor. Teríamos a oportunidade de um novo encontro. Não no cemitério. Depois de todos os cemitérios, quando já não caberia nenhum jogo, nenhuma disputa e tampouco nenhum temor.

Foi então que algo inesperado aconteceu. Flor ao subir no elevador abraçada com o livro, eis que, diante de nós, a mulher de preto se abraçava a outro livro onde supostamente eu também me encontrava. Era uma tradução e por isso não me reconheci logo. Questão complexa de identidade.

A descrição de sua magreza sadia, boca estreita, olhos miúdos dentro de óculos de armação escura não definiria o essencial sequer de uma primeira vista. Ela tinha uma dessas belezas que enchem todo um ambiente. E o elevador era pequeno. Vim a saber que era filha de um diplomata da missão da Argentina e professora universitária. Havia se especializado no personagem conselheiro Aires. Tínhamos, assim, em comum, a fidelidade a nossos papéis.

Ao reparar no livro nas mãos de Flor, quis saber que edição estranha era aquela.

“Exemplar único, Leonor.”

“Não é possível. Posso ver?”

Não esperou a resposta. Retirou o livro das mãos de Flor e abriu-o em mim. Tomei um susto.

“Então existem as memórias completas do conselheiro? Havia muito eu procurava este livro. Busquei em toda parte, na Biblioteca Nacional Mariano Moreno, na Biblioteca Nacional do Rio... Até na Biblioteca

do Congresso em Washington. E nada. Que preciosidade. Você me empresta?”

Ansiei por ser emprestado, alugado ou vendido.

Meu nome, não sei se terão adivinhado, é José da Costa Marcondes Aires. Nasci no Rio de Janeiro às seis da tarde em 17 de outubro de 1825 e acordei em Brasília confundido por siglas. Mesmo sem ser aristocrata, me infiltrei na aristocracia quando passei em 1852 num concurso para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Depois de hesitar se aceitaria uma encarregatura de negócios junto à Gran Colombia, onde havia estado um visconde conhecido meu, fui enviado a Viena.

Quando Flor me despertou, minha integridade estava naquele livro de edição única que juntava um total de dez cadernos. Tinha capa simples, de papelão marrom-esverdeado. O narrador era eu mesmo, meu nome escrito com “y”, ou seja, Ayres. Eu era o livro e o livro era eu. Não era da editora H. Garnier como vocês haverão pensado, nem de editora alguma. Era composto quase de ar, tão leves e finos haviam se tornado seus tantos cadernos. Mas as letras se expandiam quando Flor percorria suas páginas.

“Minha filha, esta edição rara é minha companheira de toda a vida. Melhor do que marido”, Flor disse a Leonor no elevador, ao recuperar o livro.

Quando chegou ao quarto, me ameaçou:

“Não ouse, senão jogo o senhor no fundo do túmulo de sua mulher.”

No dia seguinte levou-me para o encontro com Zeus. Pude observá-lo: tinha queixo triangular, olhos

castanhos, torso sem barriga e outras edições dos livros em que eu aparecia.

Falaram sobre minhas memórias e, depois, de poesia, porque Flor queria reunir seus poemas em livro. Foi assunto breve. Houve discussões. Gritaram como da primeira vez. Discordaram ardentemente, mas encaixaram as discordâncias sobre o amplo colchão. Houve gemidos e novamente gritaram. Ardentemente.

As consequências daquele ato provam que os atos têm consequências. Que vocês suspendam a curiosidade até que eu conte um novo encontro entre Zeus e Flor quase dois meses depois.

Ainda em Viena, quando Flor, deitada, fumava um cigarro, ele perguntou, de pé e nu:

“Você consideraria deixar seu marido para vivermos juntos?”

Um choque a pergunta feita de chofre.

“É complicado. Tem Daniel. E tenho de confessar, não me arrependo de nosso encontro, mas gosto do Cássio. Se ele fosse um filho da puta, ficava fácil.”

“Dona Flor e seus dois maridos.”

“Por que não? Só que nenhum dos dois está morto. Faz parte da fantasia”, disse para parecer ousada.

Como não ter percebido o perigo em que se metia? Foi o que continuou se perguntando. Por anos e anos, sentia-se horrorizada quando pensava naquele dia seguido de outros. Ela ter sido sincera, ter falado de fantasias. Eu mesmo, presente ali, se pudesse pediria que se calasse. Mas no máximo eu poderia gerar uma divagação a partir de uma frase que lesse em mim.

Em resposta à ameaça de me jogar no fundo do túmulo de minha mulher, pensei em recriminar Flor por não ter sequer encontrado aquele túmulo.

Ela não chegou aos excessos prometidos. Não me enfiou no fundo de um túmulo, porém me confinou ao fundo de sua maleta de mão. Ali fiquei sufocado por roupas íntimas e perfumadas durante o voo a Paris, Zeus a seu lado.

Os dois seguiram de táxi do Charles de Gaulle ao 7^e arrondissement, onde Zeus morava. Ele precisava ir à embaixada, na Cours Albert I^{er}, ela aproveitaria para ver uma exposição no Museu d'Orsay e se encontrariam no final da tarde para um chá, antes que ela tomasse o voo.

Flor executou à perfeição um plano havia muito preconcebido. Quando se encontrou mais tarde com Zeus, avisou:

“Queimei tudo. As fotos e os negativos. Se quiser, deixo as cinzas com você.”

Ela havia feito uma busca minuciosa e os havia encontrado dentro de um envelope numa gaveta de arquivo.

Um alívio. Só de pensar naquelas fotos sentia-se penetrada não apenas pelo olhar dele, mas também do amigo com quem ele havia compartilhado o estúdio de fotografia.

“Jura que ele não viu?” , havia perguntado a Zeus.

“Deixei secando pelo tempo mínimo. Tenho quase certeza de que não.”

“Pena”, disse Zeus agora. “Essas imagens sempre vão ficar guardadas na minha memória.”